

**CRÍTICA AO *MANUAL FEMININO DE SER PATRIARCALIZADO EM TÚ ME QUIERES BLANCA*, DE ALFONSINA STORNI**

***CRITICISM OF MANUAL FEMININO DE SER PATRIARCALIZED IN TÚ ME QUIERES BLANCA, BY ALFONSINA STORNI***

Cristiane de Mesquita Alves (UFPA/USP)<sup>1</sup>

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar *Tú me quieres blanca*, um dos poemas de Alfonsina Storni, publicado em 1918 no livro *El Dulce daño*, com intuito de perceber como a autora confronta os ideais e os costumes morais da sociedade patriarcal em seu tempo, sobretudo no que diz respeito ao corpo feminino, sua educação e representação enquanto categorização social. Para tanto, essa escrita foi organizada por meio de uma metodologia bibliográfica a partir de Beauvoir (2009), Bourdieu (2017), Lerner (2019) e outros teóricos que sustentaram a argumentação levantada nesta pesquisa em torno dos temas: feminismo, patriarcado e dominação masculina.

**Palavras-chave:** Storni, Desconstrução, Patriarcado.

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze *Tú me quieres blanca*, one of the poems by Alfonsina Storni, published in 1918 in the book *El Dulce daño*, in order to understand how the author confronts the ideals and moral customs of the patriarchal society in her time, especially with regard to the female body, its education and representation as a social categorization. Therefore, this writing was organized through a bibliographical methodology based on Beauvoir (2009), Bourdieu (2017), Lerner (2019) and other theorists who supported the arguments raised in this research around the themes: feminism, patriarchy and male domination.

**Keywords:** Storni, Deconstruction, Patriarchy.

**Para Introduzir**

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA/bolsista PROSUP/CAPES). Profa. Adjunta II do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS- UFPA/CNPq). E-mail: [crimesquita@ufpa.br](mailto:crimesquita@ufpa.br).

Alfonsina Storni (1892-1938) está dentre as mais importantes escritoras latino-americanas do século XX. Nasceu em Sala Capriasca, na Suíça, mas viveu na Argentina da infância até sua morte. Escreveu temas feministas, valorização do feminino, direitos e emancipação da mulher em toda sua produção interliterária (jornalismo, ensaios, poesias, teatro, prosa). Sua obra solidariza a condição de ser mulher no contexto de uma sociedade androcêntrica e resiste à categorização de papéis sociais inferiores atribuídos à mulher, por esta sociedade.

*Tú me quieres blanca* (2017) estaria entre as poesias autobiográficas da poeta. Storni foi uma mãe solteira e viveu as agruras dos preconceitos sociais cristãos-machistas por ter um filho considerado ilegítimo nos padrões do casamento patriarcal.

Em seu discurso, a mulher aparece como agente de sua própria narrativa de vida, as experiências do que é ser e ter se tornado mulher é que tomam significação para a escritora; é o ponto de vista da mulher em torno da realidade social em que ela vive que importa, sua maneira de se expressar, de se representar socialmente, enquanto sujeito político, que leva Storni a escrever uma literatura de resistência feminista, por isso sua obra contribui para se (re)pensar a produção de autoria feminina, consciente de que por meio da escrita, a mulher pode se autorrepresentar e pela arte pode inserir as pautas das questões de identidades feministas. Pela desconstrução do temário poético tradicional feminino, Storni modifica a ideologia do ser frágil e sensível, incapaz de pensar os problemas sociais, que estruturou a escrita das poucas mulheres que conseguiram passar pelo sistema patriarcal literário majoritário.

À guisa disso, um dos assuntos que será analisado no corpo do desenvolvimento deste trabalho, diz respeito ao questionamento do lugar de fala da mulher em *Tú me quieres blanca* (2017) e entender como Storni desmistifica a consciência do ter que ser mulher na visão falocêntrica, alertando as outras do perigo da consciência de mulher patriarcal pelas mulheres. Por este motivo, a proposta deste estudo, coloca as intenções de Storni como uma forma de desconstruir o perfil de mulher elaborado e propagado pela sociedade patriarcal.

Ao escrever *Tú me quieres blanca* (2017), Storni critica o perfil de mulher exigido pelo patriarcado e a categorização de classes estipuladas por esta sociedade, como um modo de doutrinar a mulher a uma condição de inferioridade frente ao sujeito

superior – o homem, que só o fato de nascer homem, já se legitima os direitos e deveres de homem, uma vez que a força da ordem masculina “se evidencia no fato de que ela dispensa justificação[,] a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2017, p. 18), enquanto que a mesma ordem masculina edifica uma espécie de manual de regras sociais e moralistas, para que as mulheres possam seguir, sem questionar, alegando o bem estar familiar/social, para a manutenção dessa ordem.

Nesse ínterim, o “feminismo surge, portanto como desmontagem do patriarcado, ele mesmo um sistema de injustiças.” (TIBURI, 2018, p. 69), e Storni contribui de modo significativo para essa desmontagem ao descrever como o patriarcalismo insiste em moldar o corpo da mulher às rédeas de seu comando e dominação por meio de um lirismo crítico em *Tu me quieres blanca* (2017). No poema, a autora busca a identidade e os espaços da mulher, definindo-se “como mulher [que se] coloca no centro da vida certo relacionamento para consigo mesma e construir uma imagem de si como mulher.” (TOURAINÉ, 2010, p. 27). Alfonsina expõe os problemas femininos, a educação opressora de ser mulher, cobrada pela sociedade androcêntrica e como esse sistema priva a mulher de manifestar suas subjetividades.

Consta ressaltar que o uso do termo *patriarcado* – nesta investigação – não indica teorias específicas do regime patriarcal, faz-se uso equivalente a ideia da dominação das mulheres pelos homens. Na definição ampla atribuída por Lerner (2019, p. 290), o patriarcado significa “a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominação masculina sobre as mulheres na sociedade em geral”. Essa breve definição sustenta, por enquanto, o direcionamento que é dado a leitura e análise do texto de Storni em estudo.

Dessa forma, este artigo de revisão bibliográfica é composto, além das considerações introdutórias, uma análise interpretativa de *Tú me quieres blanca*, demarcando essa crítica ao modelo feminino patriarcalizado de ser, enquanto tema de resistência feminista e como ele se faz presente ao longo da leitura do poema, seguida de algumas palavras conclusivas e das referências que nortearam as argumentações levantadas na interpretação que foi atribuída ao texto de Alfonsina Storni.

### **Como Storni desconstrói um manual de educação patriarcal imposto às mulheres**

*Revista de Letras Norte@mentos*

*Tú me quieres blanca* foi publicado em 1918 – um dos poemas do segundo livro de versos de Storni. O temário do poema não se distingue da temática da agenda feminista de Storni, pois mantém a crítica ao poder do patriarcado que oprime por séculos as mulheres, e é o responsável por exilá-las dos centros intelectuais, políticos e sociais. O poema *Tú me quieres blanca* (2017) foi escrito em versos curtos e redondilhas menores, ritmizado para facilitar a memorização. Em relação ao conteúdo, *Tú me quieres blanca* (2017) traz “Socialmente, o discurso [que] registra a ideologia masculina da época, na qual tudo é permitido ao homem, inclusive desejar uma mulher pura, depois de haver pecado, dentro de um modelo católico-cristão.” (ROCHA, 2013, p. 52).

A ideologia do pecado – restrita apenas às mulheres, como uma mordaca para punições é o alvo das ironias de Storni. Martínez (1999) considera que o humor e a ironia presente na literatura feminina latino-americana têm se tornado um selo original das autoras para confrontar o patriarcado, “Eu me atreveria a dizer que- juntamente com a ironia- tem sido a arma literária mais eficaz de subversão contra o patriarcado.” (MARTÍNEZ, 1999, p. 4, tradução nossa).<sup>2</sup> Pela escrita irônica, as escritoras passaram a se rebelar contra os clichês dos ensaios moralistas, dos contos de fadas, das novelas, das canções românticas e dos versos que sujeitaram as mulheres a estereótipos de fraqueza e seres dependentes de homens para conseguirem sobreviver.

Por isso, nessa nova definição da literatura escrita por mulheres, com um pouco mais de visibilidade a partir da virada do século XIX para o XX, a mulher passou a se autodefinir como sujeito textual a contar sua história, independente das histórias sobre elas inventadas pelos homens. “o resultado tem sido uma literatura erótica sem inibições, onde desejos, paixões, fantasias, o subconsciente e o sexual, codificam-se com um notável predomínio de metáforas táteis.” (MARTÍNEZ, 1999, p. 2, tradução nossa)<sup>3</sup>, principalmente, pelo uso das metáforas e das ironias nos textos que pudessem desconstruir os manuais sociais do modelo paternalista que imprimiam os comportamentos e os costumes que deveriam ser obedecidos pelas mulheres.

---

<sup>2</sup> Yo me atrevería a decir que-hermanado con la ironía- ha sido el arma literaria más eficaz de subversión contra el patriarcado.” (MARTÍNEZ, 1999, p. 4).

<sup>3</sup> “El resultado ha sido una literatura erótica sin inhibiciones, en donde deseos, pasiones, fantasías, lo subconsciente y lo sexual, se codifican con un notable predominio de metáforas táctiles.” (MARTÍNEZ, 1999, p. 2).

Tal modelo descreve o sistema institucionalizado pela dominação masculina, o qual possibilita constantemente o paternalismo, como um modo específico, um conjunto de relações patriarcais que justificam a legitimação da ordem masculina (BOURDIEU, 2017), o que Lerner (2019, p. 290) vem a chamar de dominação paternalista, aquela que descreve a “relação de um grupo dominante, considerado superior, com um grupo subordinado, considerado inferior, na qual a dominância é mitigada por obrigações mútuas e direitos recíprocos.”

Na relação de base paternalista, em se tratando do contrato social entre homens e mulheres, para a mulher coube à subordinação, servidão sexual e trabalho doméstico não remunerado (LERNER, 2019). A base paternalista do contrato feminino é ridicularizada por Storni por meio de uma ironia aguda na construção do jogo literário em *Tú me quieres blanca* (2017), particularmente com a condição de castidade.

Escrito em primeira pessoa, a voz poética de Alfonsina Storni ao enumerar os “desejos do homem e os pecados do mesmo, reivindica um lugar de não aceitação por parte da mulher deste status quo machista, e, além disso, exige o que ele deve fazer para aceder ao poder/ter este objeto de valor, a mulher casta”. (ROCHA, 2013, p. 52-53). Storni elabora uma voz poética feminista tomada pela denúncia de desvalorização da mulher por uma sociedade machista que estigmatiza a mulher a modelos ideais, quando o homem é hipócrita e imoral.

No decorrer dos versos de *Tú me quieres blanca* (2017) o uso de elementos da natureza, como: frágeis, delicados, puros e outros percorrerem de modo intenso, no intuito de estabelecer comparações a mulher, o que ancora a força simbólica do poder patriarcal sobre os corpos femininos, uma vez que “O homem (do sexo masculino) encontrou uma forma de lidar com esse dilema existencial designado para si mesmo o poder de criar símbolos e para a mulher uma limitação de vida-morte-natureza.” (LERNER, 2019, p. 246). No fragmento:

Tú me quieres alba,  
Me quieres de espumas,  
Me quieres de nácar.  
Que sea azucena/  
Sobre todas, casta.  
De perfume tenue.  
Corola cerrada (STORNI, 2017, p. 15).

As palavras alba (alva, ao amanhecer), espumas, nácar (interior de uma concha, as madrepérolas), azucena (flor, lírio), casta (virgem), ténue (delicada), corola cerrada (parte de uma flor formada por pétalas) e cerrada (fechada) – exemplificam o modo simbólico de fraqueza, de limitação vida-morte-natureza (LERNER, 2019) criado pelo patriarcalismo para se impor nas relações sexuais/sociais entre homens e mulheres. Para Bourdieu (2017):

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, de dominação erotização, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2017, p. 31).

A subordinação feminina nas relações patriarcais é a responsável por manter a mulher sobre dominação masculina e perpetuar entre as próprias mulheres a aceitação de que biologicamente, elas são objetos nessa ordem social, em detrimento às subjetividades femininas. A mulher não poderia na categoria sexual de sua classe social expor maneiras de pensar, isto demonstraria conhecimento e conseqüentemente, ela tornar-se-ia sujeito de si. Sendo assim, não precisaria obedecer à ordem masculina e nem cumprir os manuais de educação para ser bem vista e aceita na sociedade.

Nesse ínterim, o discurso do ser fragilizado associado à figura feminina ganhou força nos espaços sociais para o manutenção da ordem (BOURDIEU, 2017). Em *Tú me quieres blanca* (2017), Alfonsina ironiza essa associação, ao comparar o corpo feminino a elementos da natureza vulneráveis, pois necessitariam de proteção, assim como questiona o uso patriarcal da predileção de cores claras desses elementos para representar a mulher, o que remeteria a castidade/pureza. Como se observa nos versos:

Ni un rayo de luna  
Filtrado me haya.  
Ni una margarita  
Se diga mi hermana.  
Tú me quieres nívea,  
Tú me quieres blanca,  
Tú me quieres alba. (STORNI, 2017, p. 15).

A voz poética de Storni destaca a busca pela perfeição do corpo feminino pelo eu- posse- masculino. A mulher não pode ter nem sequer um raio de lua filtrado que demonstre alguma imperfeição – ironiza e critica Storni. A mulher precisa estar na divisão social dos sexos, “estar ‘na ordem das coisas’, [...], natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’).” (BOURDIEU, 2017, p. 17, grifos do autor); a mulher do lar é destinada a esse mundo social. Não obstante, Alfonsina não se contenta com esta naturalidade patriarcalizada, e nos seus versos faz questão de demonstrar esse desconforto. Ela entende o lugar de fala e de escuta, de se expressar e de sentir da mulher, uma vez que “O lugar de fala expressa um desejo de espaço e tempo contra uma ordem que favorece uns em detrimento de outros.” (TIBURI, 2018, p. 56). Nos fragmentos:

Tú que hubiste todas  
Las copas a mano,  
De frutos y mieles  
Los labios morados.

Tú que en el banquete  
Cubierto de pámpanos  
Dejaste las carnes  
Festejando a Baco.

Tú que en los jardines  
Negros del Engaño  
Vestido de rojo  
Corriste al Estrago.

Tú que el esqueleto  
Conservas intacto  
No sé todavía  
Por cuáles milagros,  
Me pretendes blanca  
(Dios te lo perdone),  
Me pretendes casta  
(Dios te lo perdone),  
¡Me pretendes alba! (STORNI, 2017, p. 15-16).

Observa-se uma crítica direta de Alfonsina a imoralidade e hipocrisia de uma sociedade patriarcal, pois, ao mesmo tempo que esse machismo oficial oprime a mulher a ser casta, direcionada à família, é também o responsável por denegrir, violar e violentar outras mulheres sexualmente para o seu bem prazer, como se exemplifica nos

trechos: “Tú que en el banquete (Tu que no banquete)/ Cubierto de pámpanos (coberto de galhos)/ Dejaste las carnes- (deixaste as carnes)/vestido de rojo (vestido de vermelho)” (STORNI, 2017, 15, tradução nossa). Por esses versos, a condição feminina de objeto retorna à questão e o homem, conseqüentemente, torna-se o sujeito do lugar de fala já questionado por Beauvoir (2009), considerando a mulher como um objeto, o Outro. Neste olhar, a mulher “aparece como o negativo [...] [tornando-se aquilo que] o homem decide que seja” (BEAUVOIR, 2009, p. 16). Um corpo sexuado a serviço das necessidades masculinas. No excerto:

Huye hacia los bosques,  
Vete a la montaña;  
Límpiate la boca;  
Vive en las cabañas;  
Toca con las manos  
La tierra mojada;  
Alimenta el cuerpo  
Con raíz amarga;  
Bebe de las rocas;  
Duerme sobre escarcha;  
Renueva tejidos/  
Con salitre y agua; (STORNI, 2017, p. 16).

O mal-estar ou quem provoca o mal à mulher se encontra em todos os lugares, por isso Alfonsina alerta as mulheres a se posicionarem, assim como ela se posicionou, perante este homem hipócrita que designa o que a mulher deve ser, tanto pura, quanto sexual para ser uma carne no banquete dele parafraseando a poesia de Storni. Com essa poesia, o que se entende é que Alfonsina é a mulher que se coloca diante dela mesma. “Seu olhar percebe e avalia o que elas são, em grande medida é o que fizemos delas a partir de sua consciência e daquilo que elas querem ser.” (TOURAINÉ, 2010, p. 43), por este motivo, os textos de Storni e sua vida contêm elementos de um feminismo militante.

Outro aspecto a se considerar na leitura de *Tú me quieres blanca* (2017), refere-se à reivindicação feminina de equidade e de igualdade entre homens e mulheres. Na indicação de:

atributos que o homem deve realizar, Huye, vete, límpiate, vive, toca, alimenta, bebe, duerme, renueva, habla, levate, como formas de purificação junto à natureza harmônica, para, somente depois, pode estar com a mulher ou exigir dela pureza e castidade. (ROCHA, 2013, p. 52).

Nessa cobrança feminista de Storni, pode-se perceber que ao passo que ela desconstrói as bases do manual de comportamento e perfis que a mulher tem que ter para ser aceita pelo homem, a poeta vai construindo uma pauta para a cultura da mulher baseada, segundo Lerner (2019, p. 293) na sustentação da “resistência das mulheres à dominação patriarcal e a afirmação de igualdade e uma consciência de irmandade.”

Para Oliveira (1995):

Alfonsina Storni, uma vez esgotada a retórica da mulher tradicional, seja paródica ou dolorosamente assumindo o seu silêncio, a sua falta de importância, ou pelo contrário, lutando apaixonadamente contra o estereótipo, abandona o "eu" da oradora poética que está constantemente observando-se e projetando-se a seu redor, para assumir agora seu espaço e seu tempo: para “ver assim o que está ao [seu] redor”. (OLIVEIRA, 1995, p. 287, grifos da autora, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ao buscar o entorno social, Storni manifesta a consciência feminista que serviu de base ideológica de sua produção literária-artística e se solidariza a todas as mulheres, além de propor a todas a libertação dessa sociedade opressora.

Habla con los pájaros  
Y llévate al alba.  
Y cuando las carnes  
Te sean tornadas,  
Y cuando hayas puesto  
En ellas el alma  
Que por las alcobas  
Se quedó enredada,  
Entonces, buen hombre,  
Preténdeme blanca,  
Preténdeme nívea,  
Preténdeme casta. (STORNI, 2017, p. 16-17).

Ao ousar comparar a fala das mulheres a de pássaros, Storni alude à liberdade de fala que as mulheres precisam ter. A pureza feminina corporal não se reduz à castidade sexual exigida por uma sociedade cristã-católica masculina que usa diferentes corpos femininos como objetos e não é questionada por isso. A pureza da mulher deve ser em sua alma, onde a bondade, a resistência e a luta estão. Storni, depois de indicar os

---

<sup>4</sup> Alfonsina Storni, una vez agotada la retórica de la mujer tradicional, ya sea asumiendo paródica o dolorosamente su silencio, su falta de importancia, o por el contrario, luchando apasionadamente contra el estereotipo, abandona el “yo” de la hablante poética que está constantemente observándose y proyectándose en sus alrededores, para ahora asumir su espacio y su tiempo: para “ver así lo que está a [su] alrededor”. (OLIVEIRA, 1995, p. 287, grifos da autora)

elementos naturais em que as mulheres devem ser comparadas para serem castas e aceitas, ironicamente encerra os últimos versos de *Tú me quieres blanca* (2017): “Entonces, buen hombre/ Então, bom homem”, se queres a mulher branca, pura, porque ele também não pode ser casto, como a mulher que ele deseja. Ao permitir esta leitura nos entreversos, Alfonsina demonstra o quanto ela é uma voz gritante na América (ROCHA, 2013), que empregou sua subjetividade poética e crítica para constituir uma literatura que falou da mulher e a colocou em seu lugar de fala.

Na obra de Alfonsina Storni a mulher, antes vista patriarcalmente pelo ser “o inessencial perante o essencial” (BEAUVOIR, 2009, p. 17), passa a ter autonomia, no processo de desconstrução de que só “homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2009, p. 17). Storni tece uma identidade feminista das experiências femininas, defendendo que para isso acontecer, a mulher é o sujeito que atua e decide sobre as regras do próprio corpo. *Tú me quieres blanca* (2017) – direciona o enunciado para o homem, mas, depois das cobranças que o eu-poético discursa, conclui que pouco isso, agora deve importar para as mulheres. Storni ao final da poesia – deixa a reflexão para suas leitoras: como elas querem ver e ter o seu corpo.

### **Palavras conclusivas**

Ao analisar *Tú me quieres blanca* (2017) de Storni a partir de uma leitura interpretativa baseada nos pressupostos teóricos dos estudos feministas e de referências bibliográficas sobre a obra da autora, pontua-se algumas considerações conclusivas para o estudo que se organizou até aqui.

A primeira nota se considera em torno da agenda feminista que por si só caracteriza a escrita de Storni. Como mulher, ela não se enquadrou neste perfil de mulher marcado por uma suposta pureza e castidade exigida pelo pensamento cristão católico patriarcal. Storni foi uma mulher e mãe solteira que trabalhou em diferentes empregos para manter seu sustento e do filho.

Postura de moralidade social para ambos – homens e mulheres. Esse assunto foi um tema presente em muitos textos de Alfonsina. Há um tom de ironia – não há dúvidas – mas também uma revolta gritante por parte da autora, em especial, a cobrança de posturas moralistas. Storni não deixou dúvidas que para ela, a sociedade deveria prezar pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, e cada vez que essa mesma

sociedade ampliava as cobranças sobre os comportamentos femininos, excetuando-se os masculinos, ela compreendia o quanto à ideologia cristã patriarcalizada era injusta com as mulheres.

*Tú me quieres blanca* (2017) é um dos textos mais confrontosos de Storni em relação ao manual social homem e mulher. Não se trata apenas de uma ironia à questão da fragilidade e da sexualidade feminina, trata-se da denúncia que a poeta faz a opressão dos corpos femininos que são obrigados a ser preservados para o prazer do homem, não se importando com os prejuízos e/o prazer para a mulher. Mais do que uma metáfora para a castidade, *Tú me quieres blanca* (2017), é uma denúncia a manutenção da opressão feminina pelo masculino. Oprime o corpo, depois a alma, pois quanto mais as mulheres estiveram presas ao padrão patriarcalizado, mais distantes elas estarão de compreender uma educação de consciência feminista.

Essa questão: educação de consciência feminista também é levantada na poesia em análise, sobretudo na última estrofe quando Storni traz a comparação da fala da mulher aos pássaros. Essa comparação é necessária porque na metáfora do pássaro, há o incentivo à libertação das mulheres deste sistema.

Storni também denota uma formação de uma cultura da mulher estruturada na premissa de que é preciso haver resistência feminina, luta pelos direitos da mulher – e essa reivindicação está presente no tecido poético em vários momentos, como: ter o direito de se ver e ter o corpo que escolheu e fazer uso desse corpo de acordo com seu desejo e mostrar para a sociedade que assim como o homem tem desejos sobre o corpo da mulher, essa mulher tem o direito de ter também seus desejos.

E por derradeiro, a luta pela igualdade e equidade. Storni tece do início ao fim do texto poético, o que a mulher deve seguir para ser perfeita, enquanto ao homem, nada lhe é exigido ou criticado por suas imperfeições. Ao expor essa dualidade no poema, Storni escancara que somente às mulheres são exigidas obrigações sociais do ponto de vista dos valores morais por uma sociedade de imoralidades e hipocrisias e o quanto a questão da igualdade necessita ser discutida e concretizada para que homens e mulheres vivam com os mesmos direitos e deveres sociais.

Dessa maneira, a literatura de Storni representa uma escrita de resistência, principalmente ao que ela foi em vida e expôs seu pensamento tanto nas práticas do cotidiano real, quanto no eu poético feminino na ficção. Alfonsina não se calou quando

a sociedade dos homens exigia dela silêncio, e isto, sem dúvidas, marca uma forma de sua literatura de resistência.

Alfonsina representa, então, a voz gritante nas Letras que costumeiramente era ouvida por homens. Sua escrita não deixa de ter uma forma elegante e sutil, peculiar da poesia – porém, faz questão de não esconder o grito e o poder da denúncia ao longo de sua elaboração poética – que se tornou uma atmosfera ameaçadora para a sociedade patriarcal; esse modo metafórico e irônico foi o responsável por não invisibilizar a escrita da mulher na literatura, e ela se tornou prova dessa visibilidade dentre tantas outras mulheres sujeitos na arte e na literatura.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Trad, Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTÍNEZ, Adelaida. *Feminismo y literatura en Latinoamérica*. Lima, año I, nº. 3, p. 1-8, octubre de 1999. Disponível em: [https://www.cemhal.org/anteriores/1999\\_2000/3\\_articulo.pdf](https://www.cemhal.org/anteriores/1999_2000/3_articulo.pdf) Acesso em: 18 set. 2022.

OLIVEIRA, María Rosa. El canto del canario que supo volar o la creacion de la voz poetica de Alfonsina Storni. In: COSSE, Romulo (Org). *Deslindes: revista de la Biblioteca Nacional*, Montevideo: BN, 1995. p. 283-293.

ROCHA, Nildicéia Aparecida. *A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni: uma voz gritante na América*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

STORNI, Alfonsina. *Poemas*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todos, todes e todos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Trad. Francisco Morás. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

Recebido em 19/02/2023

Aprovado em 10/05/2023

*Revista de Letras Norte@mentos*